



Circuitos curtos de comercialização: reciprocidade e relações de credibilidade no Coletivo de Consumidores de Produtos Agroecológicos Saúde da Roça
Short-circuits of commercialization: reciprocity and credibility relations in the Collective of Consumers of Agroecological Products Saúde da Roça

BENATTO, Leandro¹; RECHENBERG, Fernanda²; FÁVARO, Thatiana³; SANTOS, Franqueline Terto dos⁴; BELO, Rafael Alexandre⁵; TEIXEIRA, Luana⁶

¹ REDE MUTUM – Articulação Alagoana de Agroecologia, benattoleandro@gmail.com; ² UFAL, fernandarechenberg@gmail.com.br; ³ UFAL, thatifavaro@gmail.com; ⁴ UFAL, franqueline@hotmail.com; ⁵ UFAL, rafaelbelo_paz@hotmail.com; ⁶ UFSC, luateixeira1@yahoo.com.br

Eixo temático: Economias dos Sistemas Agroalimentares de Base Agroecológica

Resumo: O presente relato trata da experiência do Coletivo de Consumidores de Produtos Agroecológicos Saúde da Roça, uma organização social sem fins lucrativos pautada no consumo ético e solidário de alimentos orgânicos em Maceió. A experiência iniciou no ano de 2015, como uma solução às demandas e reflexões que ocorrem concomitantemente no grupo de agricultores e no grupo de consumidores, uma confluência de ideias e perspectivas que une, de modo direto os dois principais elos da cadeia agroalimentar: agricultor e consumidor.

Palavras-Chave: agricultura familiar; mercado justo; Maceió.

Keywords: family farming; fair market; Maceió.

Contexto

As Feiras Orgânicas e Agroecológicas vêm se consolidando como um importante espaço de organização social entre o campo e a cidade. A comercialização direta, nas feiras oportuniza não só o escoamento da produção em circuitos curtos, dinamizando a economia local, mas o resgate e valorização de relações sociais de credibilidade entre agricultores e consumidores, relações de confiança e reciprocidade, espaço de crescimento, informação e bem viver.

A produção e comercialização de produtos orgânicos em Alagoas se torna mais expressiva e mais conhecida a partir da constituição da Comissão de produção Orgânica do Estado de Alagoas (CPOrg/AL) junto ao Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) em 21 de março de 2012, de acordo com a lei 10.831 de dezembro de 2003 a qual normatiza a produção orgânica no Brasil. Em Alagoas existem atualmente 95 agricultores orgânicos registrados em 15 Organismos de Controle Social (OCS) no Cadastro Nacional de Produção Orgânica (CNPO) para venda direta em feiras e programas governamentais além de 16 unidades de produção com certificação por auditoria¹.

¹Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos. <Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/cadastro-nacional-produtores-organicos>>; Acesso em: 04-07-2019.



Até 2011 os consumidores de Maceió dispunham de uma única feira de produtos orgânicos localizada no Mercado do Jaraguá, fruto de uma experiência piloto de produção e comercialização de orgânicos que inicia em 2003 com o Projeto Vida Rural Sustentável (PVRS) realizado pelo SEBRAE/AL. Hoje, multiplicam-se as opções para compra de produtos orgânicos e agroecológicos em Maceió: além das seis feiras orgânicas e agroecológicas, surgem novas opções de compra direta baseadas em uma perspectiva de mercado justo e solidário, como coletivos de compras e tele entregas, através de novas formas de comunicação entre consumidores e produtores via aplicativos e redes sociais virtuais.

Neste trabalho destacaremos a experiência do Coletivo de Consumidores de Produtos Agroecológicos 'Saúde da Roça', uma organização social sem fins lucrativos pautada no consumo ético e solidário de alimentos orgânicos em Maceió. A experiência iniciou no ano de 2015, como uma solução às demandas e reflexões que ocorrem concomitantemente no grupo de agricultores e no grupo de consumidores, uma confluência de ideias e perspectivas que une, de modo direto, sem intermediários, os dois principais elos da cadeia agroalimentar: agricultor e consumidor, campo e a cidade.

De um lado os agricultores ecológicos discutiam outras formas de escoar a produção pois estavam realizando muitas feiras semanais em Maceió e municípios do entorno. Com isso se ausentavam muito da Unidade Familiar de Produção (UFP) prejudicando a manutenção e ampliação do sistema produtivo num contexto de escassez de mão de obra familiar no campo devido ao envelhecimento e evasão da juventude rural, tornando a atividade agrícola cansativa e onerosa.

Por outro lado, a reflexão sobre consumo sustentável, alimentação saudável, redes de apoio social e coletivo, educação emancipatória, circuitos curtos de comercialização, economia solidária entre outros temas como acesso a alimentos orgânicos oriundos da agricultura familiar de base ecológica se tornaram cada vez mais frequentes entre amigos e moradores da "rua das Crianças", no bairro Riacho Doce, litoral norte de Maceió, situado a cerca de 10 quilômetros do centro urbano. Essa pequena rua congrega pessoas de diferentes contextos sociais que comungam do propósito da rua como um espaço de vivência comunitária com área verde, praça, casa na árvore, campinho de futebol, festas de rua e cuidados compartilhados com as crianças.

Desse encontro nasce o Coletivo de Consumidores de Produtos Agroecológicos 'Saúde da Roça'. Até o momento, foram 86 "feiras" realizadas num período de quatro anos promovendo a integração entre consumidores e um grupo de agricultores numa relação direta, primando pela garantia da qualidade através de laços de confiança, geração de credibilidade e reciprocidade.

Descrição da Experiência



A primeira reunião de organização dos agricultores para as entregas para o Coletivo Saúde da Roça (momento da “feira”) aconteceu na casa de Seu Cícero e Dona Lucilene, no Assentamento Zumbi dos Palmares em julho de 2015. Nesse momento foi discutida a viabilidade econômica da iniciativa, optando pela realização da entrega aos domingos, em razão do aproveitamento do deslocamento dos camponeses para a Feira Orgânica e Agroecológica da Praça Centenário em Maceió. Para viabilizar as entregas na rua, foi adotada uma taxa de transporte por pedido para o produto ser entregue em um ponto coletivo, a praça da “rua das Crianças”, local em que cada consumidor buscaria sua encomenda.

Essa prospecção de viabilidade está baseada em um custo para os agricultores de R\$ 200,00 reais envolvendo o transporte do caminhão. O grupo de consumidores colabora com metade, ou seja, R\$ 100,00 reais e os outros R\$ 100,00 ficam a cargo dos custos dos agricultores. O coletivo entendeu que seria interessante não diluir esse valor do transporte no custo dos produtos e sim ser um valor separado que pudesse de forma didática expressar o valor do transporte como também a noção de colaboração e coletividade para viabilizar a feira com um mínimo de pedidos. A taxa de transporte foi fixada em R\$ 10,00 de modo que a feira só ocorreria com no mínimo 10 pedidos.



A organização dos consumidores se deu aos poucos e foi evoluindo no decorrer do tempo. Inicialmente os pedidos eram feitos por preenchimento de planilha impressa, tarefa assumida por um dos membros do coletivo. Em um segundo momento, o coletivo passou a realizar os pedidos por e-mail e atualmente o grupo dispõe de um aplicativo gratuito onde o consumidor realiza seu pedido², efetuando o pagamento antecipado por depósito bancário. Os consumidores interessados participam de um grupo de whatsapp e email e recebem duas notificações com 5 e 3 dias de antecedência com um chamamento para realizar seu pedido através de uma página na web. Em todas essas atividades, é realizado um rodízio de trabalho interno voluntário para divulgação, organização dos pedidos e preparação do local para o recebimento dos produtos.

Os produtos agroecológicos são provenientes da Associação de Produtoras Agroecológicas da Zona da Mata de Alagoas (APROAGRO) sendo cultivados por agricultores(as) assentados da reforma agrária dos Assentamentos Zumbi dos Palmares e Flor do Bosque respectivamente dos municípios de Branquinha e Messias localizados na Zona da Mata Leste do Estado de Alagoas. Na lista de compras são ofertados uma relação de 67 itens sendo 41 itens da APROAGRO

² <https://www.cognitofrms.com/Sa%C3%BAdeDaRo%C3%A7a/Sa%C3%BAdeDaRo%C3%A7a>



divididos nas categorias: produtos beneficiados, origem animal, condimentos, hortaliças, frutas, produtos da roça e 26 produtos processados certificados para revenda.

As entregas são realizadas quinzenalmente, aos domingos a partir das 8 horas da manhã. Durante essas manhãs de domingo, instaura-se um ambiente de sociabilidade entre agricultores e consumidores, intensificando as conversas e discussões em torno da alimentação saudável, da vida na roça, da segurança alimentar. Com o tempo, outros fornecedores foram sendo agregados, e os próprios consumidores se mobilizaram na produção e venda de alimentos, como pães e geleias, diversificando a oferta de produtos, promovendo habilidades e talentos e ampliando uma economia de troca. Além desses momentos de intercâmbio, durante a entrega dos produtos, o coletivo organizou, ao longo dos anos, eventos e festividades na feira. Em razão de datas específicas do calendário, como festas de São João ou Natal levam alimentos para serem consumidos durante o tempo em que a feira se realiza (cerca de 2 horas). Por ocasião da 50ª Feira ocorreu uma celebração ampliada, em que diversos alimentos foram produzidos e compartilhados entre consumidores e agricultores. Ocasionalmente, como iniciativa dos agricultores, ocorre o sorteio de balaios de alimentos entre os participantes da feira.



Por outro lado, também foram organizadas visitas aos assentamentos nos quais são produzidos os alimentos da feira. Em uma delas, que incluiu a pernoite e na qual cerca de 15 integrantes do coletivo participaram, foi realizada uma “farinhada”, onde os consumidores puderam conhecer uma das propriedades e vivenciar o feito da farinha de mandioca. Ao longo dos 4 anos de existência o número de consumidores



que realizam pedidos em cada edição da feira variou entre 6 e 16 famílias, mantendo uma média de 10 a 12 cestas por feira. Mais de 30 famílias estiveram envolvidas nas atividades nesse período. Além dos pedidos realizados previamente, tornou-se costume dos agricultores trazerem para a feira um excedente de alguns alimentos, viabilizando uma “xêpa”, produtos que são adquiridas tanto por aqueles que enviaram sua lista de produtos, como por quem não fez pedido.

Resultados

No cenário brasileiro, que adota um modelo de produção agrícola pautado no uso intensivo de agrotóxicos, as iniciativas protagonizadas por consumidores e agricultores que se preocupam com a saúde pessoal e coletiva, com a segurança alimentar e nutricional dos alimentos, e com o meio ambiente, ganham cada vez mais espaço nas sociedades e centros urbanos como estratégia coletiva de fortalecimento social, de reconexão e resgate de princípios e valores éticos, sobretudo em um contexto nacional e mundial de perdas de direitos, degradação ambiental e insegurança alimentar.

Além do fortalecimento das práticas de sociabilidade e reciprocidade entre agricultores e consumidores, um ponto a ser levado em consideração é que os coletivos oportunizam uma diversificação na distribuição sócio-espacial da oferta de alimentos orgânicos nas cidades, que tende a se concentrar em bairros e regiões habitadas predominantemente por camadas médias e altas. Nesta distribuição socioespacial, as periferias urbanas das grandes cidades são com frequência excluídas dos circuitos de comercialização de alimentos livres de agrotóxicos.

Outro ponto observado nessa experiência, é que, a despeito de um número expressivo de pessoas que conhecem o coletivo e se identificam com a proposta de um consumo consciente e saudável, a feira persiste com um quantitativo pequeno, porém regular e fiel de consumidores. Ao longo desses 4 anos a experiência representou uma importante contribuição econômica aos agricultores. Apesar do esforço permanente mobilizado pelo coletivo para a manutenção da feira, a regularidade deste pequeno grupo tem possibilitado a reflexão sobre a corresponsabilização no consumo de alimentos orgânicos.

Agradecimentos

Aos agricultores e agricultoras da APROAGRO.